

O DIA DE QUEBRAR O COCO

Sônia Queiroz

Hoje a barriga não doeu. E nem coçou. Mas Anaiá sabe, porque Anaiuri falou, que o menino está brotado e cresce dentro.

Anaiuri fica na toca muitas luas, não toma sol nem vento, nem a água da chuva já tocou seu fio de cabelo. Anaiuri fica entocado, só, calado, muitas luas. Depois ele aponta e lá do alto chama e escolhe: Anaiá vai inchar a barriga e vai ter dor, e o menino vai brotar de dentro e coçar. Anaiá vai urrar e zumbir. E explodir no pequeno anajá.

Hoje a barriga não doeu. E nem inchou. Mas Anaiá sabe, porque Anaiuri falou, que o menino vai coçar de dentro dela.

Anaiuri fica na toca muitas luas. E bebe e come preparado de Anaiá. Anaiuri fica enfarado, pede sono. E vai deitar o corpo em tecido de Anaiá. Depois desperta e lá do alto chama: Anaiá vai untar a pele e adoçar o cheiro e vai virar fera mansa de roçar. Anaiá vai chiar e zumbir. E explodir o grande anajá.

Hoje ela não riu. E nem brincou. Mas sabe, que a mãe ensinou, o canto de cada pássaro e o passo do braçaíá.

Antes, assustava curumins, do meio da folhagem. Ninguém ouvia pisar. E eram todos encantados do arredado de uiramiri. Misturava na rama, arrodia tronco, e, nas águas, brincava de ser Naiá, que virou flor gigante. E enredava fibras e amoldava o barro.

Hoje nem brincou. Ficou sentada e pensava no menino que nem coçava ainda e ela sabia brotado lá dentro, que Anaiuri falou. Ficou sentada e pensava em Anaiuri lá do alto falando: Anaiá! Ficou sentada e pensando que o pequeno seria grande anajá: Anaiuri.

A mãe, que untou a pele muitas luas, muito inchou e explodiu tanto anajá. Quando Anaiá cresceu o peito, ela chamou: Anaiá vai enfeitar o cabelo, colorir as penas, e vai virar fera mansa de casar. Anaiá vai ouvir e calar. E seguir um grande anajá.

Quando morrer, será: inchou seis vezes — três bravos, três esposas anajás. Enquanto viva: Anaiá vai untar a pele e adoçar e virar mansa e roçar. E chiar e zumbir. E inchar e doer e coçar. E urrar e explodir.

Ficou sentada e pensava. E hoje não riu. E quando Anaiuri chamou, ela subiu. Pedindo sono, enfarada. Mas Anaiuri tinha fome e tinha sede e pedia os cuidados de Anaiá. E ela virou bicho sereno, pachorrento, e preparou de beber e de comer, depois lambeu as mãos e os pés de Anaiuri, e alisou seus cabelos e as costas e o peito e as pernas, e zumbiu como as abelhas no ouvido, e chiou e explodiu Anaiuri.

Depois de muito sol na barriga, Anaiá principiou arredondar de cintura, e o peito crescia, pedra de rio, ponta negra. E, assustada, ela alisava a pedra e o monte.

A mãe servia preparado de mulher prenhe, e a filha comia e inchava mais. Então a mãe ensinava o canto de dormir os pequenos, e a filha ensaiava, alisando o resto de cintura. E dormia com sol, que sentia moleza, e inchava mais. Então a mãe ensinava o carregamento dos pequenos, e a filha ensaiava, carregando o broto que coçava.

Anaiá nunca explodiu nenhum pequeno. Mas sabe, que a mãe ensinou, o canto e a dança de amansar a dor.

Hoje ela não riu. E nem brincou. Nem ensaiou um canto. Carregando o broto que escondeu sua cintura, foi beirar as águas, onde bóia Naiá-flor. Ficou sentada e pensava. Quando morrer será: inchou seis vezes — três bravos, três esposas anajás. Ficou pensando no menino que coçava e crescera tanto que não podia mais inchar. Ficou sentada e olhava os troncos e invejava. Que, Anaiá sabia, aqueles nunca inchavam. Ficou sentada e sonhando ser um tronco, esguio vegetal. Ficou sonhando e, quando subiu, Anaiuri tinha fome e tinha sede e chamava os cuidados de Anaiá. E ela serenou e virou bicho pachorrento, e preparou de beber e de

comer, depois lambeu as mãos e os pés de Anaiuri, e alisou seus cabelos e as costas e as pernas, e nos ouvidos arremedou o uiramiri e encantou e dormiu o anajá.

Depois sentou e sonhava. Depois principou um canto que ninguém percebia. Era só ela cantando e os troncos que aguardavam. Depois sonhava e dormiu.

A mãe ensaiava o canto de amansar a dor, e a filha alisando o broto inchado e sonhava. Então a mãe ensaiava a dança de amansar a dor, e a filha cantava e ninguém percebendo.

Quando morrer será canoa leve percorrendo o rio entre Naiás. Enquanto vive Anaiá fica sonhando e vai cantando o canto que ninguém percebe.

Nem ninguém viu quando Anaiuri chamou e ela não subiu nem respondeu. Anaiuri tinha fome e tinha sede e pedia os cuidados de Anaiá. Anaiuri chamando sua abelha, e Anaiá, serenada, era palmeira, esguia, que dá coco. Amarelo e verde, indaiá.